

**CASTELO
BRANCO
CAMILO**

CARLOTA ANGELA

Camilo Castelo Branco

Carlota Angela

«Public Domain»

Castelo Branco C.

Carlota Angela / C. Castelo Branco — «Public Domain»,

Содержание

I	5
II	10
III	13
IV	16
V	19
VI	26
Конец ознакомительного фрагмента.	27

Camilo Castelo Branco

Carlota Angela

I

*Se a natureza formou uma bella creatura, não póde a fortuna precipital-
a n'um incendio?*

Shakspeare. (Como vós o amaes.)

Cette douce ivresse de l'âme devait être troublée.

Balzac. (Albert Savarus.)

Norberto de Meirelles e sua mulher D. Rosalia Sampayo, ricos proprietarios, moradores, em 1806, na rua das Taipas, da cidade do Porto, viam crescer prodigiosamente os seus cabedaes, e, com elles, uma filha unica, tão encantadora para os paes como a riqueza com que a iam enfeitando para seduzir o mais medrado capitalista da terra.

Tolerem-me a singeleza com que se começa a narrativa.

Eu tinha á minha disposição quatro exordios bonitos, que escrevi em quatro tiras, e rejeitei com desdem.

Era assim o primeiro:

«Diz-me tu, amor, que magos philtros insinuaste no coração da virgem de olhos negros, que lêda e melancolica, lagrimosa e risonha, te está enamorando na lua, d'onde lhe sorris em noites calmas de estio, na floresta, onde lhe cicias palavras nunca ouvidas, na fonte, onde lhe murmuras a tua linguagem do céu? Que ambrozia inebriante déste á doudinha que, tão requestada e alheada de brinquedos pueris, se vae, só e destemida, a buscar-te, por entre myrtos e rosaes, perseguindo-te como lasciva borboleta de flor em flor, sobre alfombras de verdura, por onde volitam lucidos phalenos?»

Segundo exordio:

«Á viração da tarde tremulava ligeiramente a folhagem do renque de alamos que cintavam uma pintoresca vivenda do Candal. Um repuxo de crystallina limpha trepidava na cascata com soidoso rumor, donosa musica, ao som da qual se espertam amores em peito virgem, e adormecem mágoas em coração atribulado. Morbidamente recostada sobre um banco de cortiça, por onde trepava um jasmineiro em flor, via-se, como engolfada em alegrias intimas das que o rosto esconde ao invejar de estranhos, uma graciosissima donzella... etc.»

Terceiro:

«Onde vae este gentil mancebo, tão á pressa e offegante pela calada da noite, subindo a collina do Candal, em cujo tôpo alveja uma casa, onde elle parece mandar adiante o coração em cada suspiro que o cansaço lhe tira do peito arquejante? Que visão alvissima, que fada ou sylpho é esse que desliza, rapido e volatil, por entre os alamos, e vem ao peitoril do muro, como a anciada Hero, restaurar o vigor do extenuado Leandro?... etc.»

Quarto, e ultimo exordio:

«Vou contar-vos uma historia que verifiquei nas fieis narrações de mais de vinte pessoas vivas. Ides ver até que ponto os paes podem infelicitar os filhos; até que ponto a missão augusta do segundo creador póde ser fementida e insidiosa; até que ponto o amor paternal é amor, e d'onde começa a ser deshumanidade. Se alguma confiança devo ter na justiça congenial do coração humano, espero carear graça e indulgencia para uma filha que se rebella primeiro contra um pae, depois contra o falso deus que lhe impozeram como verdugo de mais alta e temerosa categoria, arbitro e claviculario das sempiternas moradas do inferno... etc.»

Ahi está o que eu tinha escripto. Tudo rejeitei, contra a opinião de um congresso de homens de delicado gosto, que votaram por qualquer dos quatro preludios, chasqueando-me a simpleza com que escrevi o quinto, acanhado e pêco como historieta sem nervo, nem imaginação.

E, portanto, desde já me desquito com os leitores se no decurso d'este romance me apodarem de insulso e desimaginoso.

VERDADE, NATURALIDADE, E FIDELIDADE

é a minha divisa, e sel-o-ha emquanto este globo se não reconstruir á feição do disparate com que uns o alindam e outros o desfeiam.

Quem desde já sentir azias de bôca, deixe isto, e desenfaste-se com as conservas irritantes da França, e até das nacionaes, que tambem as temos, curtidas em vasilhas, francezas. Embora travem á hervilhaca, é o que temos, e o que nos dão os Watteis dos fricassés litterarios, em menoscabo do classico cozinhado de Domingos Rodrigues.

Atemos o fio, e a graça de Deus nos assista, para que a benevolencia do leitor se compraza com o alinhio desaffectedado e lhano d'este conto.

A filha unica de Norberto de Meirelles e D. Rosalia Sampayo chamava-se Carlota Angela, e tinha dezesete annos, em 1806.

Não era formosa; mas exquisitamente engraçada sim.

Norberto, filho de lavradores transmontanos, era campeзино, rustico, e desageitado; Rosalia, com quanto procedente de progenie já cidadã desde seu avô, havia muito ainda que desbastar, e quatro gerações não tinham adelgado nada a raça originaria de Covas de Barroso.

Ora, a vergontea de troncos ou cepos taes não podia sair de compleição tão fina e delicada, como se usa liberalmente com as heroínas dos romances.

As feições de Carlota eram sêccas e trigueiras; mas a magreza não era de debilidade ou doença. O ligeiro toque de escarlata nas faces era a transparencia de sangue rico de toda a seiva dos dezesete annos. Tinha uma bonita fronte, e abundantes cabellos pretos, que ella enfeitava sem esmêro, mas com desalinhada graça, conservando-os, até essa idade, em tres tranças, que um laço de setim encarnado prendia na cintura em duas roscas. Á custa de importantes admoestações da mãe, Carlota reformou o penteado, em conformidade com a moda, que era ennastrar trancinhas de cabellos em dois grandes corações que ladeavam a cabeça, desde o vertice até ás orelhas, com matiz de lacinhos de varias côres: bonita cousa, antes da restauração das troixas contemporaneas, restauração, digo, porque as malas, no cucuruto da cabeça, começavam a decair do gosto em 1806.

O que fazia engraçadissima Carlota eram as espessas sobrancelhas, que formavam apenas um crescente das duas arcadas ciliares: tão imperceptivel era a cisura que as estremava na base do nariz. Bem sabem que olhos costumam ser os que reinam sob tão magnifico docel: grandes, e negros, entre longas pestanas que, ao mais ligeiro languir das palpebras, se ajustavam n'um amortecer de tanta volupia, que mais não podia ser, sem feitiçaria!

Ainda não sei descrever narizes, e por narizes comecei a pintar. O de Carlota era irregular, talvez, ao contrario dos narizes de passaporte: era um nariz adunco, longo de mais para aquelle rosto; mas esta incongruencia, impressionando aos que a viam pela primeira vez, á segunda, não havia que desdenhar-lhe. Singular e desusada era a bôca. Cada commissura ou canto dos labios terminava em dois vincos, um subindo, outro descendo, mas tão pronunciados, que pareciam um permanente riso sardonico, um não sei quê que fazia desconfiar as pessoas menos habitudas á sua convivencia.

Carlota era alta e gentil. Não se affectava para ser garbosa, que lhe sobejava graça e donaire nos naturaes meneios. O braço era incorrecto, fornido de mais em carnes, e de pelle trigueira; a mão longa e magra; e o pé proporcional á corpulenta haste.

Já agora, diga-se o porquê do cuidadoso recato em que a filha do snr. Norberto de Meirelles tinha os braços; não era a grossura do pulso, nem a pujança carnosa do ante-braço; era uma espessa

camada de buço, lanugem, ou cabelo, que a frenética menina cerceava desde os quatorze annos, á tesoura, porque as amigas e parentas a aperreavam, chamando-lhe «pelluda».

Basta de materia: fica-se sabendo que não se trata de uma mulher formosa; deram-se, porém, os traços principaes de Carlota, e são esses os que, na maioria dos casos, fascinam, apaixonam e enlouquecem o homem de trinta annos, gasto de queimar incenso ás bellezas correctas, a cuja desanimação de commum accordo se chama «lindeza».

Vejamol-a espiritualmente.

Carlota Angela foi creada com descuidado mimo. Seus paes reviam-se n'ella, desculpavam-lhe todas as perrices, e fariam-a incorregivel, se a natureza se não corregisse a si propria.

Aos quinze annos, a folgazã menina mudou para triste; de garrula e traquina que era, fez-se taciturna e indolente. Maneiras de senhora, conversações com pessoas de idade, onde estavam moças; entremetter-se em cousas domesticas, a que a não chamavam; desligar-se das companheiras do collegio, desdenhando a frivolidade de seus passatempos: tal foi a reforma repentina de Carlota Angela.

Alegavam-se-os paes, felicitando-se por a não terem contrariado em pequena, contra as admoestações dos parentes, entre os quaes havia um tio materno, de cuja calva ella mudava o chinó para a cabeça de um gato maltez, ou em cujos oculos ella bafejava para lh'os embaciar. Esta victima, no auge da sua angustia prognosticara aos paes de Carlota grandes dissabores, consequencias funestas da liberdade que davam á condição ferina da moça.

Depois da mudança inesperada, Norberto e Rosalia, todos os dias, diziam ao homem dos oculos:

—Vê como se enganou? Ahi a tem agora mais ajuizada e mansa que as meninas creadas debaixo da disciplina e da palmatoria...

—Veremos...—redarguiu o velho advogado—veremos quando ella tiver uma vontade opposta á vossa qual das duas é a que vence.

—Vontade opposta á nossa!—replicava Norberto—Isso havia de ter que ver! Como acha o mano que ella se possa oppor á nossa vontade?

—Facilmente; e para não ir mais longe, ides vós ter uma occasião de a experimentar.

—Qual?—atalharam ambos.

—Eu vos digo; mas, se Carlota entrar emquanto eu fallo d'ella, fica para amanhã o que hoje vos não disser.

—Carlota está no seu quarto a ler, e não vem cá tão cêdo—disse Rosalia.—Podes fallar á vontade, Joaquim.

—Quando me notastes a mudança rapida de Carlota, fiquei mais admirado que vós. Entrei a scismar até que ponto se podia aceitar a naturalidade da transfiguração moral, e vim a suspeitar que a causa estava na natureza, mas fóra da natureza de Carlota. Ora, eu sei mais do mundo que vós, haveis de conceder-me isto, e vós tendes mais boa fé que eu: fica uma cousa pela outra, e acho que a vossa é bem mais agradável á vida que a minha.

Sabeis o que me lembrou? Se Carlota estaria namorada.

—Olha que lembrança!—atalhou D. Rosalia.

—Essa é das suas, doutor!—disse Norberto—Está a sonhar... deixe-se d'isso.

—Seria sonho;—disse o doutor severamente—mas já ágora deixem-me contar o sonho até ao fim, e guardem para o remate as admirações. N'esta suspeita, comecei a limpar os oculos para examinar as caras masculinas que entravam aqui, e não achei alguma duvidosa. As vossas relações são pouquissimas, e n'essas não ha alguém que possa despertar no coração de Carlota um sentimento novo. Continuei as minhas averiguações fóra de casa. Fui ás poucas casas onde vós ieis; segui todos os olhares de Carlota, e achei-os sempre indistinctos e indifferentes. Descorçoiei um pouco; mas não desisti.

Um dia do anno passado, estavamos nós no Candal, e passeiava eu e ella sósinhos na estrada. Dizia-me a pequena que tinha lido umas novellas de cavallarias, de que gostara muito, posto que

não acreditasse nas histórias. Contou-me algumas passagens de *Paulo e Virginia* e de *Menandro e Laurentina ou os amantes extremos*, que vós não sabeis o que é, mas lembrados estareis de me perguntardes se eram livros de boa moral. Notei que a moça, quando me fallava no amor das damas e cavalleiros, empregava mais vivacidade do que convinha a uma menina innocente de sentimentos amorosos. Fiz-lhe algumas perguntas com intenção de a surprender; mas ella jogava commigo tão habilmente, que venceria a partida, se eu não tivesse cincoenta e cinco annos, e não tirasse da habil escapula o mesmo que tiraria, se ella se deixasse apanhar.

N'outro dia estavamos nós sentados no mirante, conversando em cousas que me não lembram, e vimos apparecer no alto da estrada um cavalleiro. Olhei casualmente para Carlota, e vi-a córada, e inquieta. Disfarcei o reparo, e vi-a erguer-se e voltar as costas para o cavalleiro, dando alguns passos com certo ar de indifferença, e tornou logo, girando entre os dedos uma flor que cortara.

O cavalleiro passou e cortejou-me: era meu conhecido. Esperei que ella me perguntasse quem era; nem uma palavra. Perguntei se o conhecia, ergueu os hombros, e fez com os beiços um gesto, que parecia dizer: «não sei, nem me importa saber».

N'outro dia, fui eu ao Candal, e no alto das Regadas ouvi tropel de cavallo, que me seguia, subindo a calçada. Escondi-me na esquina de uma travessa, e vi passar o cavalleiro: era o mesmo da cortezia. Fui-o seguindo de longe; e, ao chegar á collina d'onde se avista o mirante, vi, primeiro, Carlota debruçada sobre o parapeito da varanda, e, depois, o cavalleiro parado debaixo do mirante.

—Credo!—exclamou D. Rosalia, erguendo-se branca como cêra.

—E esteve até agora calado com isso!—disse Norberto, erguendo-se tambem.

—Nada de espantos!—respondeu o bacharel, sem se descompor na cadeira, onde se refestellava, fallando com a sua costumada solemnidade oratoria.—Logo se diz quem é o homem; mas ha de aqui fazer-se o que eu aconselhar, senão desconfio muito que minha irmã experimente mais cêdo do que espera a vontade de Carlota.

Escondi-me alguns segundos, e appareci no momento em que vossa filha entregava um ramo ao cavalleiro.

Ella deu fé de mim, e sumiu-se; e elle seguiu a estrada, depois que me viu. Carlota recebeu-me com a certeza de que eu era sufficientemente cego para a não ter visto: não deu o menor indicio de susto. Convidei-a, como sempre, a passeiar no jardim, e disse-lhe: «Quando houver alguma novidade na tua vida, has de contar-m'a, menina. Se ella te parecer tão agradavel, que a queiras só para ti, não cuides que lhe diminues o valor, dizendo-m'a. O coração de teu tio ha de sentir o bem do que for bom para o teu. Ora, conversemos: diz-me lá, Carlota, se sentes alguma inclinação que não sentias ha um anno, quando os meus oculos e o meu chinó eram o teu regalo.

—Eu não, meu tio... sinto o que sentia—respondeu ella; mas a innocencia protestou contra a mentira, mostrando-se no rosto: córou e gaguejou de um modo que me fez pena e contentamento. Quando assim se córa, o coração está puro.

Para acudir á vossa impaciencia, dir-vos-hei, em resumo, que obriguei suavemente Carlota a confessar-me que amava Francisco Salter de Mendonça.

Já sabeis quem é.

—Eu não!—disse D. Rosalia. E voltando-se para o marido:—E tu?

—Conheço de vista,—respondeu Norberto—é um militar, creio eu...

—Francisco Salter de Mendonça—continuou o doutor Joaquim Antonio de Sampayo, sorvendo uma pitada pela venta direita, e comprimindo a outra com o dedo indicador da mão esquerda—é um tenente da brigada real de marinha, é natural de Lisboa, e está aqui ha dois annos a bordo do brigue *Audaz*. É um moço que vive do seu soldo, e está por ahi relacionado com os rapazes nobres da cidade. É o que posso informar ácerca de Mendonça.

Agora vou responder á pergunta de Norberto. Admirou-se de eu estar calado com isto? Calei-me, porque receiava muito que alguma imprudencia vossa irritasse o amor de Carlota. Calei-me, esperando que Mendonça fosse chamado a Lisboa, e nos deixasse o campo livre para despersuadirmos

Carlota. Ainda assim, fiz tenção de vos avisar, logo que julgasse necessario empregar medidas promptas. Eu sei que o rapaz tenciona vir pedir-vos Carlota, e sei tambem que em poder de um meu collega está um requerimento d'ella para ser tirada por justiça no caso de que negueis o vosso consentimento.

—Santo nome de Deus! valha-me nossa Senhora!—exclamou, com as mãos na cabeça, D. Rosalia, enquanto seu marido resfolegava arquejante, passeiando acceleradamente na sala.

—Não comecem a fazer doudices!—tornou o doutor—Se gritam, se põem fogo de mais ao pucaro, entorna-se tudo. Aqui ha de fazer-se o que eu disser; mas mudemos de conversa, que ahi vem Carlota.

II

Os tigres são menos sanhudos contra o homem que o proprio homem.
Phocion. (Instrucção a Aristias.)

Les parents en effet ont cela de admirable, et je parle des meilleurs, que vous ne pourrez jamais, ni par plainte, ni par raison, leur faire comprendre qu'il vient un moment où l'oiseau essaie ses ailes et quitte son nid; qu'ils n'ont d'autre mission que de faire et d'élever leur petits jusqu'à l'âge où ils quittent le nid.
Alphonse Karr. (Sous les Tilleuls.)

Quaes fossem os conselhos do ornamento dos auditorios portuenses, teremos occasião de avalial-o opportunamente.

Oito dias depois de planisada a conspiração contra os amores reservados de Carlota Angela, foi procurado Norberto de Meirelles pelo tenente de marinha.

Francisco Salter de Mendonça era um rapaz da boa sociedade de Lisboa, um dos mais distinctos alumnos do collegio de marinha, reformado pelo intelligente ministro Martinho de Mello e Castro. Tinha dotes corporaes que o distinguiam, e virtudes que os seus amigos avaliavam como raras.

Amava com verdade Carlota Angela, posto que, no principio, o ser ella filha unica de um abastado commerciante encarecesse mais o galanteio. Sentiu, depois, que o seu amor se purgara da ignominia do calculo, até preferir que fosse pobre Carlota, para que, pobre, se igualasse a elle. Longo tempo a cortejara sem revelar-lhe as intenções honestas do namoro, esperando que fosse ella a que o auctorisasse a pedil-a a seus paes. Certeza tinha elle de que lh'a negavam, porque então, como hoje, um noivo era pesado na balança do negociante rico, e o contrapeso do coração não fazia oscillar o fiel. Pedil-a sem predispor o auxilio da lei invocado por Carlota, nunca Mendonça quizera até ao momento em que ella prometteu fugir de casa, se seu pae não consentisse.

Traçado o plano, Mendonça, como dissemos, procurou Norberto de Meirelles, e foi urbanamente recebido. Disse o motivo da sua visita, e não divisou na physionomia do ricasso o menor signal de espanto, nem sequer surpresa. Acabou de fallar, e ouviu, com estranho jubilo, a seguinte resposta:

—Se minha filha é contente com o marido que se lhe offerece, eu não me opponho a que ella seja sua esposa. Ella que o ama, é que v. s.^a é digno d'ella.

—Espero—atalhou Mendonça—merecer a v. s.^a o conceito que mereci á snr.^a D. Carlota.

Norberto não soube responder convenientemente a isto, porque dissera parte do que o doutor lhe ensinara nas poucas palavras com que embriagou o radioso genro, e, receioso de que lhe esquecesse o resto, continuou:

—Fique v. s.^a na certeza de que a vontade de minha filha é a minha; tenho, porém, a pedir-lhe um favor que v. s.^a não recusará ao pae de Carlota.

—Oh! senhor! que me pedirá v. s.^a, que eu não receba como ordens da pessoa que prézo desde já como pae?!

—Minha filha faz annos de hoje a um mez, e eu muito desejava que ella festejasse na minha companhia os seus dezesete annos, ainda solteira.

—Pois não, snr. Meirelles! Exija v. s.^a de mim todos os sacrificios que se podem humanamente fazer, que eu nunca pagarei o regosijo d'este momento decisivo para a felicidade de toda a minha vida.

—E v. s.^a—proseguiu o fiel repetidor do bacharel, contentissimo de não ter trocado uma só palavra, apesar das interrupções do interlocutor—poderá, se assim lhe aprouver, honrar com a sua presença os annos de Carlota, que se festejam, ha dezeseis annos, na minha quinta do Candal.

Esgotara-se o peculio. Norberto fez menção de erguer-se. Salter notou a grosseria; mas desculpou-a ao pae de Carlota. Retirou-se acompanhado até ao pateo, honra que tres vezes recusara, mas, á quarta, o negociante disse que ia para o escriptorio *tratar da labutação dos arrozos que estavam á descarga*. Isto é que era legitimamente d'elle.

Carlota, enquanto a visita esteve, não obstante o grande espaço que a distanciava da sala, apurava o ouvido na extrema de um corredor por onde poderia embuzinar a voz do pae, se elle a engrossasse, como costumava, nos agastamentos.

Ouvindo rumor de passos na saída, correu ao seu quarto, e sentiu-se desanimada para receber a visita colerica do pae. Até então dera-lhe o amor afouteza para responder ás iras paternaes; e a risonha esperança de permanecer poucas horas em casa, depois da expulsão de Mendonça, afigurava-se-lhe agora uma tenção criminosa. Era o mêdo que a transtornava assim; logo, porém, que o sobresalto se desvanecesse, viria a reacção do amor restituir-lhe o vigor de um proposito, cuja firmeza as ameaças do pae não abalariam.

Pouco depois, Carlota foi chamada ao quarto da mãe, e achou-a prazenteira e jovial. O pae entrou após ella, e fingiu o mais lhano e caricioso semblante. Carlota estava espantada, e não podia crer o que via.

—Diz-me cá, menina,—disse Norberto—já sabes... ora se sabes!...

—O que, papá?

—Faz-te tolinha, minha serigaita! Arranjaste um marido, sem dizer agua vae, assim do pé p'ra mão como quem se casa por sua conta e risco...

Carlota baixou os olhos com humildade. Norberto perdeu um pouco do seu character artificial, e proseguiu:

—Ora, sempre tenho uma filha como se quer! Posso-me gabar!... Nem eu nem tua mãe valem nada, Carlota! Vê-se um troca-tintas, e não ha mais que dizer-lhe: Se quer casar commigo, estou aqui ás suas ordens; vá pedir-me a meu pae, e diga-lhe que me dê o dote que elle me ganhou a trabalhar trinta annos. Isso é bonito, Carlota?

D. Rosalia pizara rijamente o pé do marido, e conseguira recordar-lhe a traça combinada com o doutor. Carlota começava a sentir a reacção, ia erguendo a cabeça abatida para repellir a grosseira invectiva do pae, quando este, com velhaca subtilidade, mudou para brando aspecto a severa carranca, e proseguiu:

—Emfim, quem casa és tu; o mal e o bem para ti o fazes. Se queres casar com esse rapaz, casa. Eu disse-lhe o que um bom pae deve dizer. Consenti, com tanto que a vontade de minha filha seja essa. Que dizes a isto, Carlota? Estás decidida a casar com o tal snr. Mendonça?

—Visto que meu pae não se oppõe á minha vontade...

—E, se eu não quizesse, casavas do mesmo modo?... Diz lá!

—Se o pae não quizesse, eu havia de pedir-lhe tanto que me deixasse ser feliz, que o meu bom pae... consentiria...

—Lá isso é verdade...—replicou o negociante, obedecendo á terceira pizadella da irmã do bacharel—eu o que quero é a tua felicidade... Bem sabes que sou teu amigo como ninguem, ainda que te pareça que lá o teu namorado te quer mais que eu... É boa asneira a das raparigas, que trocam pae e mãe pelo primeiro perna-fina que lhe empisca o olho ao dote!... (*Quarta pizadella de Rosalia, e mutação de cara e diapasão de voz em Norberto.*) Está dito! Casarás com o homem; mas já agora hão-se de festejar os teus dezesete annos em casa. Eu já lhe disse a elle que esperasse um mez, e depois arranja-se isso, e está acabado o negocio. O rapaz, pelos modos, é pobre; mas o teu dote, se Deus quizer, chegará para tudo. Estás contente, Carlota?

—Oh meu querido pae!—exclamou ella, beijando-lhe afervoradamente a mão—eu sabia que era muito meu amigo; mas não esperava tanto da sua boa alma. Fui má filha em ter guardado este segredo; perdõem-me, por quem são; é que eu tremia só da ideia de os desgostar, não podendo suffocar o amor que lhe tenho... a elle...

—Não chores, Carlota, que não tens por que chorar...—disse D. Rosalia.

—Eu choro de contentamento, minha mãe, por ver que a minha ventura é possível sem desgostar meus paes... Sou a mulher mais feliz da terra. Queria que toda a gente soubesse agora os bons paes que o Senhor me deu. Tomara eu ver o tio Joaquim para o despersuadir de um mau juizo que elle fazia do meu querido pae, quando, faz agora um anno, me disse que eu não alcançaria o seu consentimento para casar com Francisco de Mendonça; e tambem queria abraçal-o, porque respeitou a minha paixão, e nunca mais me contradisse.

A alegria dava a Carlota uma ousadia entusiastica, que espantava Norberto, e tinha semi-aberta a bôca de Rosalia.

—Se a minha mãe conhecesse a nobre alma d'elle!—proseguiu ella—havia de amal-o tambem.

—Eu?... ora essa! tu és maluca!—atalhou Rosalia, comprehendendo á lettra a palavra *amal-o*.

—*Maluca!* porque, minha mãe?

—Pois tu disseste ahi que eu havia de amar o tal homem!

—Pois se elle tem um coração tão bem formado! Esteve mais de um anno sem me dizer que queria ser meu esposo, para que eu não pensasse que elle namorava a minha riqueza. Foi preciso dizer-lhe eu que a minha maior ambição n'este mundo era fazel-o senhor do meu coração para toda a vida. Quando eu disse isto, até chorava de alegria elle!...

—Está bom, está bom, estamos decididos—disse Norberto, receiando que os diques da ira se esboroassem.—Logo que o tio doutor venha de Lisboa trata-se d'isto. Amanhã vamos para o Candal. Lá é escusado andar com fallatorios do mirante para a estrada. Cá não se usa as noivas andarem a namoriscar á surdina. Já se sabe que elle ha de ser teu marido; o tio doutor quando vier, ha de convidal-o para nossa casa, e então conversarão á sua vontade.

Norberto saíu com as faces incendiadas, como se a raiva abafada respirasse por ellas. D. Rosalia, porém, menos firme no fingimento, apenas o marido saiu, começou a pingar dos olhos umas lagrimas baças e granulosas como camarinhas.

Carlota acudiu a enxugar-lh'as com meiguice, consolando-a com a esperança de viverem sempre juntos, como até então. Rosalia, se a boa fé nos não engana, chorava com pena da filha, por ver que todo aquelle contentamento se havia de mudar em amargura, se não falhasse o estratagem do doutor.

Deixal-a chorar, que o seio de Carlota parece alargar-se ao pulsar vehemente do coração. Essa immensa alegria, que lhe deram, leal ou traiçoeira, ha de produzir a bemaventurança ou o inferno d'aquella familia.

Carlota tem a alma briosa e amante de mais para transigir com a perfidia.

A obediencia filial, mascara de corrupção com que algumas donzellas se disfarçam para abjurarem sem pejo ligações *inconvenientes*, é uma «virtude» dos nossos dias, importada... da America. Em 1806 não havia d'isso cá.

III

*Tu me matas, meu pae! Quem tal pensara?
Eu beijo a mão que o golpe me prepara.*

Marqueza de Alorna.

A traça do bacharel Joaquim Antonio de Sampayo era afastar Mendonça de Portugal, repentinamente.

Aconselhara elle a mentira, para evitar o escandalo de um rapto, ou a saída judiciaria de Carlota.

Ausentar Mendonça para alguma das colonias, ou para os estados barbarescos, sob pretexto de guerra á pirataria, que infestava então o Mediterraneo; e prolongar essa ausencia até dissuadir Carlota, cortando-lhe os meios de se escreverem, era a trapaça do habil jurisconsulto. Norberto, pasmado de tamanho ardil, fez tão estremado conceito do doutor que, no expandir-se da sua admiração, exclamou:

—Ó cunhado! vossê é homem de todos os diabos! Quem sabe, sabe!

—Mas, Norberto,—disse o doutor—sabe que sem dinheiro nada se faz?

—Saque o que quizer, cunhado!

—Eu tenho talvez de comprar muito caro o pretexto para a saída de Mendonça. Não sei se me verei a braços com os protectores e parentes d'elle na côrte, e as nossas armas são o dinheiro.

—Pois é dizer o que quer. O doutor leva ordem franca; não poupe dinheiro, e ponha-me o homem fóra da nação.

Assim armado com o invencível dinheiro, o tio de Carlota Angela chegou a Lisboa, em fins de 1806, levando cartas de apresentação para o ministro da marinha, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, para D. Catharina Balsemão, e para o intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique.

A materia que então mais se discutia era a demencia do principe regente, causada por soffrimentos dos que tornam ridiculo um marido, ainda que o motivo seja mais para compaixão que riso. Fallava-se na morte violenta de José Anastacio, em Mafra, empeçonhado por ter sido o espia e delator da conspiração urdida contra o principe, em Arroios, n'uma casa da condessa de Alorna, que emigrara para Inglaterra, descoberta a conjuração. Os rumores surdos contra os pedreiros-livres indicavam os individuos suspeitos, mórmente depois que o escriptor publico Hippolyto da Costa fugira dos carcereiros da inquisição, que lhe foram abertos pelo braço poderoso da maçonaria. Hippolyto, auctor, depois, do *Correio Braziliense*, devia a liberdade á embriaguez dos guardas e á astucia d'elle; convinha, porém, ao governo simular-se assustado do poder da maçonaria para encruar contra os suspeitos a sanha da plebe. É, porém, certo que a maçonaria, em Portugal, entrara em 1797, com os emigrados francezes, e podera a muito custo implantar-se n'uma pequena sociedade ou loja denominada *Fortaleza*, quasi desconhecida e despercebida até 1806. Só depois que o ministro do reino entregou á inquisição um pedreiro-livre, e o impio fugiu do carcere do Rocio, levando nos canos das botas os «Regimentos da Inquisição» reformados pelo marquez de Pombal, dos quaes publicou, em ar de zombaria, curiosos extractos no jornal que, depois, redigiu em Londres—só depois desses nescios mêdos e estupidas perseguições do governo, sempre providenciaes para acordar os povos do lethargo, é que a sociedade maçônica em Portugal se radicou, floresceu, e deu fructos bons e maus. (Os de hoje apodrecem todos antes de madurar.)

A questão dos pedreiros-livres revirou os projectos do bacharel portuense. Nova ideia lhe acudiu, quando principiava a mortifical-o o receio de não poder supplantar um frade beneditino bem aparentado, que se dizia ser pae de Francisco Salter de Mendonça. Essa ideia era denunciar o tenente de marinha como encarregado de fundar no Porto uma loja maçônica, para o que tratava de

intimidade com Jeronymo José Rodrigues, arcediogo de Barroso, o primeiro liberal que teve a cidade eterna, antes de pregoar-se a liberdade em Portugal.

Francisco Salter de Mendonça conhecia o arcediogo, era sua visita, sympathisava com as suas doutrinas políticas, e deixara-se eivar do espirito de vaga novidade que os principios de liberalismo balbuciavam ainda então confusamente. Não era, todavia, pedreiro-livre, porque venerava o frade que o adiantara na carreira das armas, e queria cumprir o juramento que fizera, nas mãos do monge, de jámais se associar á seita dos inimigos de Deus, com quanto conhecesse a inepecia dos pharisaicos amigos do altar.

O tio de Carlota apresentou-se a D. Catharina de Balsemão, ouviu-lhe dois sonetos, applaudiu-lh'os até chorar de terno enthusiasmo, e disse, depois, o fim a que ia. Pintou com negras côres o roer profundo do cancro da maçonaria no seio da sociedade; lastimou a inevitavel quéda dos fóros e prerogativas da classe nobre, se a média se incorporasse para desarreigar a arvore de seculos; disse que a maçonaria fizera Silla, e Robespierre, e Bonaparte; ajuntou outras muitas tolices em linguagem garrafal, até incendiar a combustivel D. Catharina, que logo alli lhe deu carta de mui especial recommendação para Manique.

O intendente ouviu com attenção e mêdo o bacharel. Soube que Francisco Salter de Mendonça, mancommunado com o arcediogo de Barroso e outros, tratava de fundar uma loja maçonica no Porto, convencendo os timidos «com a sua eloquencia revolucionaria, e promettendo aos illusos a restauração dos direitos dos povos, victimados que fossem os reis e os grandes. Acrescentava o bacharel que Salter de Mendonça traduzia e espalhava os escriptos mais incendiarios dos revolucionarios francezes em 1791, e propalava que Portugal não podia ser feliz sem mandar um rei de companhia a Luiz XVI.

Manique estava tranzido! O orador, electrisado com o pasmo do ouvinte, entrara na sua hora feliz. As imagens mais ensanguentadas, as metaphoras mais patibulares, os tropos mais coriscantes acudiam-lhe com trovejante iracundia. Digna de melhor destino, a furia oratoria do letrado do Porto conseguira mais que o desejado. Manique susteve-lhe a torrente, promettendo providencias promptas, e acabou por lhe pedir que ficasse na intendencia exercendo o logar do ajudante, assassinado em Mafra, José Anastacio.

Aqui é que o bacharel se achou superior a si mesmo, e deu um mental adeus ao safado tostão dos conselhos, que raros clientes lhe levavam, no Porto, ao seu obscuro escriptorio da rua de Santa Catharina.

Confiado na sua estrella, o nomeado ajudante do intendente geral da policia perguntou ao chefe o que tencionava s. exc.^a fazer a Francisco Salter. Manique respondeu que o faria conduzir preso a Lisboa, e do Limoeiro passaria para a inquisição.

—Se v. exc.^a me permite uma reflexão...—disse o bacharel.

—Diga lá, que eu respeito muito o seu parecer.

—Com o devido respeito e humildade que se deve aos atilados juizos de v. exc.^a, peço licença para observar que convem obrar com mansidão e parcimonia, para impedir que uma seita perseguida faça proselytos. Eu vou, com o maior respeito, lembrar a v. exc.^a trinta e tantos casos da historia, dos quaes se vê quão imprudente e perigoso é empregar o cauterio á borbulha que muitas vezes resolve sem medicamento, e quasi sempre lavra quando a fazem sangrar. Começarei primeiro pela seita lutherana, a qual seita lutherana...

—Tem a bondade de não exemplificar...—atalhou o intendente, que detestava cordialmente as novidades tanto em politica como em historia—Que entende o senhor que se deve fazer? Desprezar? Deixar rebentar o volcão? Então de que me servem as tristes novas que me trouxe?!

—Desprezar, não, exc.^{mo} snr.! Que faz o habil agricultor ao galho sêcco da sua arvore? Corta-o, separa-o das vergontas vivazes, mas não o lança á estrada, para que o passageiro o leve como cousa sem dono, nem o desfaz com o machado como objecto sem utilidade. Leva-o para casa, lança-o na lareira, e aquece-se a elle. Façamos a applicação: Francisco Salter é o membro contaminado e damninho: cumpre decepal-o, para que não empeçonhe os outros; cumpre aproveitá-lo, a fim de

que os inimigos da ordem se não aproveitem d'elle; cumpre empregal-o em serviço da patria; mas seja onde as suas tendencias revolucionarias não catechisem incautos. Mendonça é tenente; promovase a capitão, e (permitta-me v. exc.^a o arrojo de dar o meu parecer com a franqueza propria de um portuguez, homem de bem) seja sem perda de tempo enviado como commandante do primeiro vaso que sair para o Brazil, dispondo de modo a sua expedição, que elle só volte á metrópole passados annos. Esta é a minha humilde opinião.

O bacharel concluiu, dobrando o pescoço até bater com a barba no peito. Manique redarguiu debilmente em opposição aos principios fabianos do bacharel. Sampayo replicou, pedindo sempre mil perdões da audacia, e alfim superou o chefe, fortalecendo-se com a difficuldade de provar a denuncia, visto que as testemunhas presencias das arengas revolucionarias de Mendonça não jurariam contra elle.

N'esse dia expediu-se ordem para recolher a Lisboa o tenente da corveta *Audaz*, Francisco Salter de Mendonça, no praso de oito dias. Aprestou-se um brigue, que devia, dois dias depois da chegada do official, fazer-se á vela para o Rio de Janeiro, capitaneado por Salter, promovido a capitão.

O ajudante do intendente geral da policia, escrevendo a seu cunhado Norberto de Meirelles, dizia:

«Tenho luctado com enormes difficuldades. Saquei seis mil cruzados, e venci as primeiras; as outras hão de vencer-se... etc.»

D'onde se infere que o agente de Norberto de Meirelles estimara em seis mil cruzados as duas arripiadas arengas á celebre poetiza e ao intendente geral da policia.

IV

Salada

¡Ai! ¡no me dejes nunca!

Aden

¿Yo dejarte?

¿Y para qué, y porque?! tu mi querida!

¿Ni como, aunc quisiera abandonarte

Juntos tu y yo lanzados en la vida?

Espronceda. (El diablo mundo.)

Fazia tristeza e saudade a formosa lua de uma noite de agosto n'aquelles olorosos jardins do Candal.

Era meia noite, e a viração do mar bafejava mansamente as copas dos arvoredos, que circuitavam a sombria casa de Norberto de Meirelles, o qual, a essa hora, resonava mais alto que todos os sêres vivos da natureza em roda.

De mansinho rodou a porta que abria para o jardim. Um vulto deslizou por entre os myrtos e japoneiras, até ganhar o mirante erguido n'um angulo do jardim.

—Esperaste muito?—disse ella a Francisco Salter, que lhe saíra de sob a ramagem sombria dos chorões debruçados no muro—Tem paciencia, meu amigo. Minha mãe deitou-se ha meia hora; não sei que ar de inquieta alegria ella tinha hoje, que lhe não chegava o somno...

—Seria tão viva a alegria d'ella, como é viva a amargura que me não deixara dormir a mim?

—Amargura! Que tens, Francisco?

—Não te fallou por mim o meu bilhete d'esta tarde?

—O teu bilhete?... não... Dizias-me que era indispensavel fallares-me hoje... Não traduzi amargura n'isto... Cuidei que era uma saudade feliz e serena como a minha...

—Oh! não, minha querida, é uma saudade que me despedaça... é a saudade que...

—Como?! que linguagem é essa, Francisco! Não me tens agora aqui?! não sou eu tua para sempre?!

—Sei que serás, Carlota, sei... mas eu preciso que chores commigo para me ser menos amarga a minha dor... É forçoso que nos separemos por alguns dias... mezes... annos...

—Jesus! que nos separemos?! Onde vaes tu?

—Sou chamado immediatamente a Lisboa.

—A Lisboa!... para que és tu chamado a Lisboa, Francisco?

—Não sei... é uma ordem terminante do ministro.

—Oh meu Deus!... que lembrança terrivel!—exclamou com vehemencia Carlota—É impossivel! é impossivel!

—Impossivel o que?

—Nem te quero dizer a horrivel ideia que tive agora...

—Diz, Carlota... vejamos se se encontram duas ideias horriveis.

—Pois tambem suspeitas?... que te lembra, meu amigo?... diz, diz, se tambem julgas possivel...

—Tambem suspeito que a ida de teu tio a Lisboa...

—Sim, sim, é isso que me lembrou; mas não creias, porque meu tio é um bom homem. Ha muito que elle dizia que iria a Lisboa requerer um emprego. É ao que foi; mas... é verdade que...

—Não receies atormentar-me, Carlota; diz tudo que te faz desconfiar...

—É que hoje recebeu-se carta de meu tio, conheci a lettra do sobrescripto, quiz abril-a innocentemente, e meu pae tirou-me a carta da mão com grande sobresalto, dizendo que não era boa

criação ler as cartas de outro. Eu disse-lhe que era uma curiosidade filha do desejo de saber como meu tio passava; e o pae voltou-me as costas, e eu bem vi que elle estava muito inquieto... mas...

—Duvidas ainda, Carlota, que teu tio foi agenciar a minha saída do Porto! Duvidas que não foi traçoeiro o consentimento de teu pae, sem ao menos me perguntar que familia ou haveres são os meus?

—Isso é horrivel, meu amigo! não me convenças d'essa traição, que me matas! Elles não podem separar-nos, não! O que a morte póde fazer não o farão elles. Juro-t'o pela minha alma e por tudo quanto ha sagrado...

—Não jures, Carlota; eu sei o que és para mim; vale mais essa tua afflicção, que todos os juramentos. Por quem és, não chores assim, meu querido anjo. Aqui o terrivel mal que nos ameaça é a saudade, a incerteza não. Se a nossa ventura vier mais tarde do que esperavamos, resignemo-nos, vençamos a desgraça com a esperança. Teu pae porque será contra mim? porque eu sou pobre? pois bem, Carlota, irás pobre para a companhia de teu marido. O meu pão chega para ti, e bastará para mim a felicidade de t'o alcançar á custa de honrado trabalho. Não aceitaremos uma moeda de cobre dos cofres de teu pae... Bem basta que esse dinheiro tenha sido o nosso algoz para o não querermos comnosco. Pobre é que eu te quero, e, se teu pae me não diz tão depressa que eras minha, ouviria da minha bôca uma renuncia formal do teu grande dote... Coragem, minha amiga. Eu vou a Lisboa, conheço logo a causa da minha chamada, desfaço as intrigas, se ellas lá me esperam, empenho em nosso favor amigos e parentes, que tenho alguns valiosos ao pé dos ministros. Voltarei para convencer teu pae de que eu reputei verdadeira a sua palavra, e me envergonhei por elle, suppondo necessario chamar a lei em nossa ajuda. Entrarei em tua casa, e dir-te-hei: Vem ser minha esposa! E tu sairás, pois não, minha Carlota?

—Sim, sim, sairei; e por que não ha de ser já?!

—Já?!

—Sim, leva-me contigo; não me deixes entregue a esta gente que me quer matar. Comêço a odial-os, e não poderei mais vel-os sem rancor. Leva-me, Francisco... Aceita-me assim pobre, e verás que te levo a maior riqueza d'este mundo, um coração onde eu tenho o segredo de fazer a nossa felicidade na pobreza. Não me respondes?

—Queria responder-te de joelhos, Carlota! Tu és um anjo, és um bem que eu não mereço a Deus, e receio desagradar-lhe se faço soffrer teus paes, que, de certo, te devem amar muito, e cuidam que te fazem bem, separando-te de mim. Eu se fosse pae, e pae de uma filha assim, dal-a-hia ao primeiro que m'a viesse pedir, sem me mostrar virtudes dignas d'ella? Não diria a esse homem perfidamente que sim, para depois praticar a villania de o afastar, matando-lhe o coração a punhaladas traçoeiras... não mostraria ao amante de minha filha o céu, para depois o despenhar no inferno; mas... custar-me-hia muito a dizer-lhe: Ahi te dou o thesouro que tive no coração dezeseite annos, que guardei para me dar alegria nas amarguras da velhice... leva-o, e deixa-me só com a minha saudade irremediavel!... Não, Carlota, é cêdo ainda para dares a teus paes esse desgosto. O teu amor ensina-me a ser nobre. Ha um amor que faz tyrannos e crueis; mas esse amor não é o meu. Sou generoso para todo o mundo, e para os teus mais que para outrem. Ninguem dirá que calculei com os cem mil cruzados de teu pae, quando eu tiver uma casa que te offereça, á hora do dia, na presença de quantos quizerem ver como um homem pobre serve um pobre jantar a sua mulher. Fica, minha querida Carlota, fica em tua casa. Nós exageramos o infortunio. É proprio do muito amor que nos temos; mas saibamos empregar as armas da razão para vencer uma desgraça imaginária. Vou a Lisboa, ouço o que me querem, volto com licença aqui, apresento-me a teu pae no dia dos teus annos, e no seguinte venho pedir-lhe o cumprimento da sua palavra. Á palavra *não*, encontro-te ao meu lado... e depois, venham todas as potencias do inferno contra nós.

—Francisco!—murmurou Carlota, despeitada—tu não me amas... porque não receias perder-me.

—Perdô-te a injustiça, Carlota... Diz o que te não vem do coração, diz, minha amiga, que eu até das injurias, se de ti me vierem, tirarei provas de que me amas muito, e crês que te amo. Ha dois annos a amar-te assim! Ha dois annos a respeitar-te como irmã, acarinhando-te como esposa! Ha dois annos a viver de uma esperança, que só ás tuas palavras se afoutou a dizer que existia! O homem que assim pensou não podia hoje aceitar a tua fuga, sem tu me dizeses que é preciso roubar-te para te merecer. Oh! isso nunca tu m'o dirás, anjo do céo, porque então pouco apreço daria eu á alma que não tem a intrepidez de dizer «sou livre».

Carlota soluçava com a face apoiada na pilastra da varanda, e os olhos fitos no céo. O aperto de coração que a suffocava era mais que o exprimivel e imaginavel. Essas angustias soffrem-se; mas não deixam reminiscencias aos que as devoraram. São como as agonias do naufragado, que não preencherá ainda a conta dos seus dias, e quiz em vão contar aos que o salvaram a suprema afflicção do afogamento. Para as torturas de um adeus, entre duas almas animadas por um só espiraculo de vida, sei eu que ha na lingua humana uma palavra, uma só: INFERNO. Isso é peor que o morrer, porque na morte ha o esquecer graduado por cada estalar de fio que nos atava aos poucos bens d'este mundo: ha o extremo dom do arbitro das vidas—a resignação sem lucta, o luzir da estrella esperançosa que se ergue detraz do tumulo, o recordar-se dos anceios para Deus, quando as brilhantes illusões da terra se convertiam n'um como tenue vapor de incenso que nos prendia aos olhos lagrimosos até o vermos entrar no céo.

Mas o adeus de Carlota Angela a Francisco de Mendonça!... Essas derradeiras palavras, que já não eram mais que um longo gemido, convulso, suffocado, a cada impeto dos dois corações que rasgavam os peitos para se juntarem!.....

Linda expirava a noite. Raiava a aurora, empallidecendo as estrellas. Uma aureola de frouxa luz cintava os horizontes. Na extrema orla do mar enrubesciam-se as aguas, e calava-se o rumorejar da vaga, como para ouvir o hymno matinal dos madrugadores alados.

Era um formoso amanhecer aquelle! Tão donoso, tão alegre, tão radiante tudo, só tu, Carlota, com os olhos na collina onde viste o derradeiro adeus do amante, e a mão no seio como a suster a vida que te foge, perguntas á tua razão se tamanha angustia não é um sonho! Acorda, martyr, que o teu dia de desgraça amanheceu, e será longo!

V

*Sai se o vulto de meu corpo
Mas ei non.
Cá ós çocos vos fica morto
O coração.*

Egas Moniz Coelho. (?)

... Si notre affection est traversée; si elle rencontre des obstacles, elle réagit, et cette réaction, impétueuse, convulsive, comme celle de tout ressort agitée et comprimée, nous porte à des mouvemens desordonnés, par conséquent accompagnés de souffrance. Notre affection, alors, devient passion. Et comme les obstacles qui l'irritent ne peuvent jamais être placés que par les intérêts d'autres personnes, elle nous anime d'une violente haine contre ces personnes si offensives, si importunes; elle change notre douceur en brusquerie, notre générosité en sentimens odieux.

Azais. (Précis du système universel.)

Francisco Salter foi, n'aquelle mesmo dia, ao Candal offerecer a Norberto de Meirelles os seus serviços em Lisboa, onde era chamado pressurosamente.

O negociante não tinha pratica ou habilidade bastante para simular no rosto a surpresa ou o descontentamento da inesperada ausencia do genro apalavrado. Manifestou, em toda a expressiva estupidez com que a providencia dos grosseiros velhacos lhe dotara a physionomia, a alegria damnada que lhe não cabia no bojo do peito. Mendonça evidenciou as suas suspeitas, e arrependeu-se de não ter convertido em peçonha toda aquella alegria, aceitando a fuga de Carlota, horas antes.

—Desejava despedir-me das senhoras—disse Mendonça.

—Minha mulher—tartamudeou o negociante—foi á missa, e mais a menina, a uma capellinha á Bandeira, senão com todo o gosto...

Mendonça, quando entrara o portão da quinta, vira Carlota através de uma vidraça. Carlota, pé ante pé, viera, a occultas da mãe, avisinhar-se da sala, com o sentido de, caso o pae a não chamasse, entrar na sala onde Mendonça estava, como de passagem para outra, e fingir-se surpreendida do encontro.

Foi o que ella fez ao tempo em que o negociante acabava de improvisar uma missa na capella da Bandeira.

—Ai!—exclamou ella—estavam aqui!...

—Acabava eu de pedir licença ao snr. Meirelles—disse Mendonça, sorrindo ironicamente—para offerecer a v. s.^a e a sua mãe o meu prestimo em Lisboa, para onde parto hoje ás quatro horas da tarde.

O arroteiro, em pé, com os braços estendidos ao longo dos flancos abdominaes, abria e fechava as mãos, como um idiota: não sabia fazer outra gesticulação mais parva, quando a sua inepcia fosse tal que se lhe fechassem todas as evasivas de uma posição falsa.

—O snr. Norberto—proseguiu Francisco Salter, cedendo ao prazer de affrontar a mentira do villão diante da propria filha—disse-me que v. s.^a e sua mãe estavam na Bandeira ouvindo missa, e eu... retirava-me...

Carlota encarou o velho, e viu um tregeitar de olhos, que a obrigou a baixar os d'ella, por vergonha de si e de seu pae. Salter teve dó de ambos, e mudou de conversação.

—Não sei que motivos imprevistos me chamam a Lisboa; talvez as ameaças de uma nova invasão hespanhola, ou bem póde ser que se tema um definitivo assalto da França...

—Pois virão cá esses herejes de Napoleão?!—exclamou o negociante, já transfigurado pelo susto dos francezes, mal incomparavelmente maior, que destruiu o vexame em que o deixou a aparição da filha.

—Póde ser que venham, snr. Norberto, responder ao desafio que lhes mandamos pelos nossos soldados do Roussillon, quando a França liquidava as suas contas com a Hespanha.

Norberto não o entendeu; mas redarguiu:

—Se elles cá vem, é contar que não deixam nada; diz que mettem a saque tudo quanto topam, pois não mettem?

—É possível; mas v. s.^a previna-se, escondendo o seu precioso aqui no Candal, por exemplo, onde de certo os francezes não virão. Ahi está o inconveniente de ser rico. Já o snr. Norberto está a soffrer com o mêdo de que o obriguem a uma contribuição...

—Se lhe parece.... o caso não é para menos: quem não tem nada, tanto se lhe dá como se lhe deu; mas quem lhe custou a ganhar o que tem, pouco ou muito, quer paz e socego.

—Não se aterre antes de tempo, snr. Norberto,—replicou Mendonça, sorrindo a Carlota—quando os francezes invadissem Portugal, eu ajudaria a v. s.^a a defender o que é seu, não só como esposo de sua filha, mas tambem como seu amigo.

—Isso lá...—regougou o mercieiro—muito obrigado, não me despeço do favor: mas o senhor é militar, e quando isso for não lhe ha de faltar por lá que fazer, na guerra do mar.

—Assim aconteceria—tornou Mendonça, enterrando lentamente o estillete observador—se eu não tencionasse pedir a minha baixa do serviço, para evitar que as revoluções perturbem a felicidade de minha mulher e a minha.

—Então que modo de vida queria o senhor ter, se casasse com a minha Carlota?

—Outro qualquer mais permanente, mais descansado; negociante, por exemplo.

—E que é dos fundos?

—Fundos?

—Sim, o casco do negocio?

—O casco!... a que chama v. s.^a casco?

—Casco é o cabedal para começar.

—Meu sogro dar-me-hia...

—Dinheiro?! meu amiguinho, está quasi todo empregado em torrões; e eu, enquanto vivo, não dou nada.

—Mais uma razão—replicou Mendonça, condoído do vexame de Carlota, e seguro, mais que seguro, do villão character do arroseiro—mais uma razão para v. s.^a não receiar a invasão dos francezes... Agora tem logar—proseguiu elle, mudando de ironico para circumspecto e grave—uma observação que me esqueceu ha dias, quando tive a ventura de pedir-lhe a snr.^a D. Carlota. Eu, snr. Norberto, pedi sua filha, simplesmente sua filha; não pedi dinheiro, nem pedirei jámais. Eu conto com recursos propios para que ella não sinta falta de commodidades que deixou em casa de seus paes. O meu patrimonio é a patente que tenho e as bem fundadas esperanças de me augmentar n'esta carreira. Não me julgue v. s.^a atido ao dote de sua filha, nem cuide que me affligi com a ameaça de nada lhe dar enquanto vivo. Póde o snr. Norberto gastar, ou augmentar o que tem, que sua filha não esperará a morte do pae para poder comprar mais um vestido. Faça, portanto, justiça ás minhas intenções, e conceda-me que eu dê liberdade a algumas ideias que me estão inquietando e magoando.

V. s.^a não procedeu lealmente commigo, quando me deu, sem reparo, sua filha. Rogo á snr.^a D. Carlota me consinta este desabafo, porque a clareza, n'este momento, é necessaria a todos nós, e o amor e o decoro costumam, nas almas nobres, soffrer juntos, quando um d'elles é offendido... e agora são ambos.

—Eu não entendo o que v. s.^a ahi está a dizer—atalhou Norberto conscienciosamente.

—O snr. Mendonça...—acudiu Carlota; mas o pejo embargou-lhe a voz.

—Eu queria dizer ao snr. Norberto de Meirelles—tornou Mendonça—que fez v. s.^a mal em dar uma palavra de que se quer desquitar por meios menos honestos, e á custa talvez da minha liberdade. A ida de seu cunhado á capital, e a ordem de eu ir, sem perda de tempo, a Lisboa, escondem uma trama que eu espero desenredar em oito dias. Se o snr. Norberto e seu cunhado julgaram que uma intriga basta para aniquilar um amor de dois annos, uma união de toda a vida já abençoada por Deus, que vê a pureza das minhas ambições, enganaram-se! Retardar não é destruir. Eu confio tanto no generoso coração da snr.^a D. Carlota como em mim proprio; e só o muito amor me podia dar a mim esta franqueza com que fallo, e a ella a indulgencia com que me ouve accusar o proceder injusto de seu pae.

—O senhor está a insultar-me!—exclamou Norberto—e demais a mais em minha casa!

—Eu não insulto, senhor, queixo-me de ter sido ultrajado, e reconheço, n'esse desabrimento, que é certissima a perfidia com que fui enganado. Retiro-me, para que v. s.^a não me offenda terceira vez, dizendo-me que o insulto.

—Pois o melhor é isso—redarguiu Norberto.—O senhor pensava que me levava á valentona? Eu tambem tenho amigos, e sei o que hei de fazer!...

—Que ha de fazer o pae?—disse Carlota com altivez—O pae não póde fazer nada.

—Que dizes tu, Carlota?!—trovejou Norberto.

—Digo que não ha forças humanas que me privem de casar com este senhor. O pae governa no seu dinheiro, e nós nada lhe pedimos. O snr. Mendonça, se quizesse ser menos generoso com meu pae, estaria já casado commigo, porque eu o auctorisei a tirar-me de casa por justiça.

Norberto, como todas as indoles abjectas, caíra no miseravel da sua atonia, sob a fulminante coragem de Carlota. Francisco Salter aproximou-se d'ella, tomou-lhe a mão, como se estivessem sós, e murmurou:

—A virtude, que Carlota chamou generosidade, continúa. Vou a Lisboa, porque sou militar, e transgido a honra e dever não me apresentando.

Mendonça despediu-se de Carlota Angela, que chorava, e de Norberto de Meirelles, que limpava com o canhão da japona de cotim o suor da brunida testa.

D. Rosalia faltara a este conflicto, porque, atarefada na cozinha com a liquidação dos legumes vendidos na manhã d'aquelle dia, não dera fé de entrar Mendonça.

Carlota Angela, apenas sósinha com seu pae, voltou-lhes as costas, e saiu da sala.

Norberto ficara de tal modo aturdido com o desembaraço da filha, que parecia temel-a. Procurou a mulher, e contou-lhe, como elle podia, o succedido. D. Rosalia benzeu-se tres vezes, e tres vezes levou os braços em arco á altura da cabeça, acção favorita da grossa matrona, quando queria exprimir o supremo espanto.

Animando-se mutuamente, entraram no quarto de Carlota, e gritaram ambos ao mesmo tempo:

—Filha ingrata! nós te amaldiçoamos!

—Para sempre!—disse a solo o snr. Norberto.

—Para sempre!—repetiu D. Rosalia.

—Amaldiçoada!—bradaram em dueto.

—E por que me amaldiçoam?—disse Carlota—que crimes são os meus?

—Ainda perguntas?!—respondeu Norberto, opilando olhos, bochechas, nariz, e tudo o mais susceptivel de opilação na sua elastica physionomia—Pois não tiveste o atrevimento de me dizer ainda agora que eu não podia fazer nada?

—Disse, sim, senhor; disse, porque ha só um meio de me prohibir o casamento com a pessoa a quem o pae me deu: é matarem-me.

—Isso diz-se a teu pae, rapariga?—bradou a mãe.

—A verdade diz-se aos paes; mentir-lhes é que é crime. Para que hei de eu dizer que faço a vontade a meu pae, se não sou capaz de cumprir a minha palavra? Logo que Mendonça voltar de Lisboa, se elle me não procurar, procuro-o eu. Se elle me quizesse com a mira no dote, faria todas as

diligencias por que me dotassem, ou morreria de paixão por me não dotarem; felizmente, o homem que Deus me destina é a mim que me ama, e não ao dinheiro de meus paes; para ser sua mulher basta-me o coração; pois bem, fique o dinheiro a meu pae, e seja o coração para o homem que não exige de mim outros thesouros.

Norberto olhava Rosalia, Rosalia olhava Norberto, grotescamente pasmados. Estranha era para elles a linguagem, o enthusiasmo, a altiveza, as attitudes de Carlota. Queriam contradictal-a com os argumentos triviaes de um casamento rico; mas a migalha de bom senso que tinham ambos, bastava a convencel-os da inutilidade de semelhantes razões. Queriam leval-a pelo terror; mas com tanto mimo a tinham deixado emancipar-se desde creança, que não sabiam agora com que gestos, com que palavras, exprimir o agastamento, a admoestação irada, a soberania paternal.

O coração de Rosalia era bom, e seria ella a protectora do casamento, se a não tolhessem os prejuizos de classe. A mulher de Norberto cuidava, em boa consciencia, que sua filha não podia ser feliz, casando sem o precedente de escripturas de doação, sem a concorrência de doadores bem ricos e bem estupidos por parte do noivo. Por mais que ella quizesse descobrir no official de marinha os encantos que seduziram sua filha, a tapada creatura o que encontrava era motivo para pasmar cada vez mais.

—Um engarilho de bigode como um chibo...—dizia ella a Carlota, depois que Norberto se retirara com mêdo de ceder á indignação, que o enfurecia—um pechibeque que não tem terra, nem leira, nem ramo de figueira, ó rapariga, que feitiço te fez aquelle patavina? Ha por ahi tanto rapaz bem azado, com negocio estabelecido, e creditos... se querias casar, por que o não tinhas dito, que já se tinha escolhido a flor dos rapazes do Porto? Está ahi o filho do Antonio José da Silva, e do Joaquim José Guimarães, que por entre os dentes deram a entender a teu pae que te queriam, e ainda estão solteiros, não tens mais que fallar... Ó mulher! isso foi enquirimanço do demonio! Por que não casas tu com um dos outros?

—Perde o tempo, minha mãe—disse Carlota com firmeza.—Esses homens aborreço-os; o mundo tem para mim um só homem; não vejo, nem quero ver outro: é Francisco de Mendonça, porque sou d'elle, considero-me já sua mulher, e...

—Tu que dizes, Carlota!?!—bradou apavorada D. Rosalia—És já mulher d'elle? Pois tu... Credo! tu estás ahi a dizer blasphemias... Ó desgraçada, pois tu...

—Eu quê! o que está ahi a mãe a fazer uns espantos que não sei a que vem? Se me julgou culpada de alguma acção indigna de mim, é mais uma injustiça que faz ao homem que amo. Tenha a segurança de que Mendonça não me humilha; pelo contrario, eleva-me, ama-me bastante, e é bastante virtuoso para não querer que a minha consciencia me accuse de alguma fraqueza.

Oh! ninguém sabe comprehender, como quem ama, uma nobre alma! Tenho eu, e elle tambem tem a infelicidade de sermos avaliados por pessoas que adoram o dinheiro sobre todas as cousas, e crêem que fóra do dinheiro não ha virtudes nem contentamentos. Ó minha mãe, foi uma desgraça darem-me uma educação differente da que receberam meus paes. Eu vejo as cousas e as pessoas de um modo diverso. Olho para a riqueza como para um obstaculo á minha ventura, e não posso deixar de aborrecel-a...

Bem vejo que minha mãe se admira d'esta linguagem, creia que não é falta de respeito, nem confiança nas minhas fracas forças; é animo que me dá um amor puro, e digno de mim; é uma força de que eu preciso para convencer meus paes de que privar-me de casar com Mendonça é o mesmo que matar-me!

Minha mãe não quer que eu morra, e ha de proteger-me, ha de amollecere o duro coração de meu pae, ha de lembrar-lhe que o consentimento dado não póde ser negado sem deshonra para elle, e grandes torturas para mim. Seja por mim, minha querida mãe, seja boa como tem sido sempre. Tenha dó da sua filha unica, da filha que nunca lhe desobedeceu, e, se hoje desobedece, deve ser muito dolorosa a violencia que lhe querem fazer...

Carlota Angela soluçava no seio de D. Rosalia, cujos vasos lacrimaes se romperam copiosamente.

Eram de bom agouro as lagrimas da enternecida mãe.

As difficuldades, que ella oppunha, eram vencidas por novas supplicas de Carlota. D. Rosalia acabara por prometter, com o seu silencio, vencer a resistencia do marido.

Norberto saíra entretanto para o Porto, e fora ao paço do bispo prevenir a magistratura ecclesiastica contra as diligencias de Francisco Salter de Mendonça. Alguem o aconselhou que fizesse entrar sua filha n'um convento, para obviar ao rapto, visto que, dado o passo da fuga, o mais airoso e honesto era remediar a deshonra irreparavel sem o casamento.

D. Rosalia Sampayo tinha uma irmã freira benedictina, no Porto, senhora muito reformada, muito rezadeira, e havida em conta de predestinada, lá dentro, e de religiosa illustrada entre as pessoas das suas relações.

Carlota Angela visitava-a miudas vezes, e entretinha-se longas horas na grade, e até alguns dias dentro do mosteiro, onde sua tia lhe ensinava muitas devoções mirificamente salutares, com as quaes Carlota saía convencida de que, fazendo-as um mez, ganharia indulgencias bastantes para remir das penas do purgatorio toda a christandade.

A madre Rufina, sem desagradar ao seu director espiritual, frade carmelita de poucas letras e muitas virtudes, era uma tolerante senhora, a quem Carlota confessara a sua inclinação ao official de marinha, resultando-lhe d'ahi ter de rezar, por conselho da tia, mais algumas devoções para que a Virgem lhe inspirasse o melhor destino n'este mundo.

Carlota dizia-lhe que o seu apaixonado era pobre. Madre Rufina replicava que pobre era quem não tinha a graça de Deus. Carlota redarguiu que talvez os paes não a dessem a um rapaz sem dote. A benedictina appellava para a vontade do Altissimo, que fazia tudo pelo melhor. Ora, Carlota Angela, melhor ou peor avisada, entendia que Deus, na maxima parte dos actos humanos, e nomeadamente nos casamentos, não punha nem dispunha. Isto será menos orthodoxo; mas é necessario impor á responsabilidade do homem, ou do diabo, cousas que por ahi ha que não parecem de Deus.

Norberto de Meirelles foi do paço do bispo ao convento de S. Bento da Avè Maria, e fez chamar sua cunhada. Contou a desordem em que se achava sua casa, foi eloquente no seu genero, desafojou a ira abafada em presença da filha, e terminou dizendo que, o mais tardar no dia seguinte, Carlota havia de entrar no convento, onde estaria até se lhe varrer a mania de casar com o tal Pedro-malas-artes.

A madre Rufina respondeu que na casa do Senhor não se recebia ninguem introduzido á força; que sua sobrinha não estava no caso de aceitar com prazer o recolher-se a um convento, quando o seu coração propendia e ligava a outros amores. E concluiu, aconselhando a seu cunhado prudencia e caridade com as inclinações de Carlota, que, se não eram convenientes aos olhos do mundo, tambem não eram peccadoras aos olhos de Deus.

E, em resposta ás impertinentes réplicas de Norberto de Meirelles, a digna esposa do Senhor prometteu chamar sua sobrinha, relatar-lhe as mágoas de seu pae, tentar demovel-a do seu proposito, e pedir muito, primeiro, a Maria Santissima que tocasse o coração de Carlota com a resolução mais conducente ao caminho da virtude n'este mundo, que é o da salvação no outro.

Norberto saiu pouco contrito, e notou que sua cunhada gosava uma reputação usurpada. O homem achava aquelles principios irreconciliaveis com a santidade de que D. Rosalia fazia o panegyrico, todos os dias. Não obstante, a irritação moderou-se-lhe, na esperanza de que, em ultimo refugio, seu cunhado doutor faria em Lisboa, com o dinheiro, o que a violencia não conseguisse cá.

A freira pediu ao capellão do mosteiro que lhe acompanhasse sua sobrinha; e teve com ella o seguinte dialogo, quasi textual dos apontamentos de Carlota Angela, que devemos á confidencia de uma sua amiga, de quem logo fallaremos:

—Teu pae, menina, esteve aqui hontem, e fez-me pena. Pediu-me que te despersuadissem do amor a...

—Pediu-lhe um impossivel, minha tia—interrompeu Carlota.

–Nada é impossível a Deus, minha sobrinha.

–Deus escuta-se na consciencia, e a consciencia não me condemna o coração.

–Mas que te diz ella sobre os deveres de uma filha?

–Diz que tenho satisfeito a todos aquelles em que correspondo aos deveres de pae.

–Não sejas tão absoluta nas tuas respostas, Carlota. A desobediencia é um crime.

–E o suicidio, minha tia?

–O suicidio é o maior dos crimes, porque é o desprezo do divino remedio nas dores passageiras d'esta vida.

–Pois creia que obedecer é morrer; se obedeco, se retiro o meu amor... retirar, meu Deus! eu disse uma loucura! eu não posso retirar o meu amor a Francisco; o mais que posso é mentir; mas essa mentira custa-me a morte... é o suicidio, e mais ainda... é um assassinio, porque eu mato o homem que me é tudo n'esta vida...

Carlota rompeu n'um alto soluçar de lagrimas, que fez chorar a religiosa.

–É escusado—disse esta, após um longo intervallo de silencio, cortado de suspiros—é escusado combater a tua paixão. Eu pedi tanto ao Senhor, em communitade, com algumas santinhas d'esta casa, que te mudasse a tenção, que já agora não posso duvidar que o céo abençoa a tua união com esse mancebo. Já não te reprehendo, nem dissuado, minha sobrinha. Faremos com tua mãe o que não podermos fazer com o espirito teimoso de teu pae. Enternece-a com as tuas lagrimas, menina; esperta-lhe a compaixão de que está cheio um coração maternal.

–Já o consegui; minha mãe chorou commigo, e prometteu alcançar de meu pae o consentimento que elle já tinha dado.

–Já tinha dado?! a quem?

–A Francisco Salter, quando me foi pedir.

–E depois? desdisse-se!...

–Quando consentiu, foi para dar tempo a meu tio de nos urdir uma traição. Francisco partiu hontem para Lisboa, chamado a toda a pressa. O plano é talvez demoral-o lá; mas de que serve a má fé de meu pae, e as astucias de meu tio? Cá está o meu coração para vencer tudo. Cêdo ou tarde, Francisco voltará, e depois... e depois, se tanto for necessario, fujo de casa.

–Santo nome de Jesus! não digas tal desatino, que offendes a Deus. O teu amor, se tal fizesses, deixaria de ser um sentimento honesto, minha sobrinha. Ha nódoas que nunca se lavam, e intenções boas que deixam sempre uma face má voltada para os juizos severos do mundo. Já agora, filha, esgota todo o teu calix de fel para que se não diga que achaste doçura no crime. Eu entrei de vinte e dois annos n'esta casa, estou cá ha vinte e seis, e ainda me recordo do que era o mundo lá de fóra, e o que lá não aprendi ensinaram-me cá pessoas que entraram para aqui sangrando ainda das chagas que receberam lá.

Carlota, eu hoje não te fallo a linguagem que me ouviste até aos quatorze annos. Conheço o teu coração, e acompanhei-lhe o desenvolvimento mais de perto que teus paes. Tua mãe não te podia entender, porque tua mãe saiu aos quinze annos da companhia de um tio abbade para casar com um homem capaz de lhe abafar a intelligencia, se ella a tivesse. Teu pae é um honrado commerciante, tem sabido augmentar os seus haveres com a mira de te deixar muito rica, e não entende nada de coração.

Já vês, minha querida sobrinha, que teus paes ignoram a sua culpa, e não fazem mais do que julgam ser o melhor para a tua felicidade. Não os desgostes emquanto for compativel a obediencia com os affectos invenciveis da tua alma. Teu pae quer que te recolhas a este convento. Se vieres, se quizeres vir para a minha companhia, não preciso dizer-te que as tuas acções hão de ser aferidas pelos deveres de uma menina recolhida n'esta casa. D'aqui diligenciaremos o teu casamento com esse sujeito; mas as nossas diligencias hão de cooperar todas sobre o animo de teu pae, até obtermos o consentimento, esquecendo-nos de que elle procedeu mal, negando o que uma vez tinha concedido. Agora, pensa, Carlota.

–Tenho pensado.

–Queres, ou não queres entrar no convento?

–Quero sim, minha tia; hoje mesmo, se é possível.

–É, que eu tenho ainda licença para tu poderes entrar; mas é preciso que teu pae o saiba.

Carlota Angela desceu acceleradamente as escadas que conduziam da grade para a portaria. Ia banhada de lagrimas. Ao abrir-se a porta, com o seu tristonho ranger nos gonzos, Carlota estremeceu, e apoiou a face, como esvaída, no cunhal do muro.

–Vem, menina,—disse do interior a madre Rufina.

Carlota Angela pôz o pé no limiar, e exclamou, estendendo os braços para a madre porteira:

–Disse-me agora o coração que era para sempre!... Que é isto que eu sinto, meu Deus!

–Se é Deus que t'o faz sentir, minha sobrinha, louvemol-o todas pelo bello presagio que te inspirou.

A porta fechou-se. Carlota, rodeada de freiras, e nos braços de todas, soltou um ai que parecia um grito desentranhado do coração.

VI

*Qui amans egens ingressus est princeps in amoris vias,
Superavit ærumnis is suis ærumnas Hercules.*

Plauto. (Persa.)

O demonio da ambição...
A. Herculano. (Monge de Cister.)

Francisco Salter de Mendonça, logo que chegou a Lisboa, procurou o ministro da marinha, e encontrou-o, contra as suas presumpções, bem encarado e affavel.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho era um astuto politico, sabia conhecer os parvos pavores do intendente geral da policia, e amava bastante a pasta para contrariar as suggestões do principe regente, que tremia dos pedreiros-livres, quando não tremia das conspirações da filha de Carlos IV.

Ainda assim, o ministro, protector affeioado de Salter de Mendonça, e particular amigo do frade progenitor, que valia muito com Mellos e Ficalhos, houve-se astutamente na recepção do official de marinha, mostrando-lhe a ordem do dia, em que era promovido a capitão-tenente, e dando-lhe os emboras da escolha acertada que o principe regente fizera dos seus talentos e energia, para, com mais dois officiaes, o enviar ao Brazil a correr com o apresto de uma esquadra, que as prevenções da guerra demandavam.

Este gracioso acolhimento desfez, ao primeiro intuito, as suspeitas de Mendonça. A intriga era incompativel com a mercê do posto, e a honraria do encargo. A reflexão, porém, sobreveio ao juizo da primeira impressão, e Salter, recordando o que se passara no Candal, creu de novo que o bacharel promovera o seu desterro, simulada com a mascara do favor.

A nova de ter sido adjunto ao intendente Manique o tio de Carlota Angela revalidou a desconfiança.

Mendonça apresentou-se ao ministro, e pediu licença para tornar ao Porto, onde o chamavam compromissos, do coração em que a sua palavra de honra se achava empenhada. D. Rodrigo objectou com a necessidade urgente da partida no praso fixo de quatro dias; discorreu profusamente ácerca da primazia dos deveres de portuguez em confronto com os particulares do coração; e encareceu o azedume com que sua alteza, o principe regente» veria posporem-se negocios do estado ás allianças amorosas de um subdito que lhe merecera tão relevante prova de real confiança.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.